

SÃO GASPAR BERTONI, SACERDOTE ECLESIAL¹

O autor

É o título de um opúsculo escrito por Pe. Cornélio Fabro, sacerdote estigmatino.

Pe. Cornélio é natural do nordeste da Itália. Nasceu em 1911. Dedicou sua vida à filosofia, especialmente aos ensinamentos de Santo Tomás de Aquino. Lecionou em várias universidades da Itália e deixou inúmeras obras sobre o tomismo e sobre o filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard. Faleceu em 1995.

O texto original, em idioma italiano, foi escrito em 1975.

Para mais informações sua vida e obras: www.corneliofabro.org

O tempo de Pe. Gaspar: revolução e restauração

Os tempos da vida e atividade de Gaspar Bertoni não são como os atuais. Em muitos aspectos, sua época é totalmente diversa da nossa, como o é o absolutismo da democracia, a economia predominantemente agrícola da era industrial.

São Gaspar viveu em uma sociedade de classes rigidamente estabelecida, então bombardeada pela revolução francesa, movimento este que se lançava velozmente na dinâmica da liberdade.

A cidade de Verona, na primeira metade do século 19, período em que Pe. Gaspar exerceu o ministério sacerdotal (ele nasceu em 1777, foi ordenando em 1800 e morreu em 1853) constituía-se, talvez, na passagem mais crucial entre o velho e o novo, entre as tropas napoleônicas (antes republicanas e depois imperiais) e os exércitos do conservador império austríaco, ao ponto de criar, por um tempo, uma cidade dividida: os franceses ao norte do rio Ádige que atravessa a cidade, e os austríacos ao sul.

São Gaspar nasceu na parte norte do rio, na paróquia de São Paulo “in Campo Marzio”, mas viveu grande parte de sua vida na parte sul, no convento dos Estigmas, situado a poucos metros da casa do patriota Carlo Montanari, condenado à forca pelos austríacos, em Mântua.

Verona, cidade antiga e nobre na arte e na cultura, é conhecida por seu povo de temperamento bonachão e alegre, mas, se necessário, decidido e brioso, quando se trata de defender a própria liberdade. Ficaram famosas as “Páscoas veronesas” (matança de franceses na cidade). Em Verona teve fim o fascismo com a execução

¹ Tradução para a Língua Portuguesa por Pe. Benedito A. Bettini, CSS

sob os muros de “Sammichelli”, de alguns de seus piores representantes. Verona é diferente da resplendorosa e decantada Veneza, que teve ingloria decadência à luz de sua lagoa morna. Verona, na primeira metade do século 19 é um incêndio de idéias e de obras, tanto no aspecto político mo religioso.

Em Verona a sociedade secreta de maçons e carbonários (que tinham ideologia assentada em princípios libertários e marcada pelo anticlericalismo) decidiu empregar todos os meios para a independência italiana. Envolveu-se na luta contra o invasor estrangeiro e, ao mesmo tempo, contra a Igreja, rejeitando a religião, suas instituições e atividades. A Áustria, igualmente, se entrincheirava na defesa do poder, invejosa e desconfiada de qualquer reivindicação de liberdade que provinha do povo oprimido.

Pe. Bertoni, embora reverencial à autoridade constituída, deplorava abertamente, de modo especial nas cartas a Leopoldina Naudet (fundadora das Irmãs da Sagrada Família), esta política de suspeitas e repressão, sinal claro da expressão sartriana “má consciência”.

Eram tempos difíceis. Mas, quais são os “tempos fáceis” para a aventura humana. Para Pe. Gaspar e os servos de Deus de todos os tempos, o seu era o “tempo oportuno”, o “kairós” a serviço da Igreja e dos fiéis, a chamada para o testemunho de santidade e empenho na ação.

Pe. Gaspar e o “Resurgimento religioso” no século 19, em Verona

Enquanto à volta de Pe. Gaspar desencadeavam-se as paixões do Resurgimento político, ele agia na humildade, às escondidas, para o resurgimento espiritual das almas como fizeram: Cottolengo, Cafasso, Dom Bosco, em Turim; Gaspar del Bufalo e Vicente Pallotti em Roma; e outros abnegados nas dezenas de cidades italianas.

Sua ação não se caracteriza por uma só atividade e única forma de apostolado, na qual pudesse resumir as necessidades da época e com a qual empreendesse a redenção espiritual. Ele estava preparado e aberto – como se diz hoje - a todas as formas de apostolado. Bastava um aceno de Deus e dos superiores.

Podemos colocar como lema de sua ação a expressão “dedicação e desapego”. Estava preparado para comprometer-se com todas as forças e disposto a deixar tudo a outro, quando a obediência ou a voz interior de Deus o indicasse. Ao que parece, fez isso em relação à direção da grande alma, Leopoldina Naudet.

Não existe iniciativa religiosa e assistencial em Verona, na primeira parte do século 19, que não tenha a mão de Pe. Gaspar: a educação das meninas de Madalena de Canossa que, inicialmente, estava junto com Leopoldina Naudet; a assistência aos

doentes nos hospitais com Pe. Pedro Leonardi e Pe. Carlos Steeb; a visita às cadeias; a ajuda aos jovens pobres, a serem encaminhados nos estudos, de Pe. Nicola Mazza; a obra de Teodora Campostrini, fundadora das Irmãs Mínimas da Caridade; Pe. Provolo e o Instituto dos surdos-mudos; Pe. Camilo Brescini e a volta dos camilianos a Verona, de onde teve início a restauração da Ordem.

Desejou e favoreceu o retorno a Verona dos jesuítas. Estes eram mestres do saber e de vida na escola pública de São Sebastião. Nela Pe. Fortis – que será o primeiro Superior Geral da recomposta Companhia de Jesus – era professor de filosofia seguindo as diretrizes sensistas do abade Candillac (de quem encontramos referências nas cartas a Naudet). Prestou-se a conselhos, altamente apreciados, a Pe. Antonio Rosmini com respeito à idealização do Instituto da Caridade e à revisão das constituições, como é expressamente lembrado na nova edição da *Vida* do filósofo de Rovereto, edição de Pagani-Bozzetti-Rossi (Rovereto 1959, t. II, p. 631 e seguintes).

Foi conselheiro procurado e elogiado pelos bispos de Verona que, em meio século de atividade sacerdotal, confiaram-lhe encargos delicados, como: a formação do clero; a avaliação das vocações eclesiais; o cargo de teólogo censor; a revisão de livros.

Com extrema discrição e profundo discernimento ele sabia distinguir, em tempos de turbulência e confusão, o material do espiritual, o contingente do eterno, o secundário do substancial. Com a argúcia de quem amadurece os sinais dos tempos no recolhimento, na oração, no despego, na pureza de intenção, ele sabia captar o significado dos acontecimentos para chegar a suas causas e sugerir a solução adequada.

Hoje, depois do Vaticano II, insiste-se no dever de cada cristão em saber discernir os sinais dos tempos. Pe. Gaspar dizia: “Deus nos fala nos acontecimentos”. Só os santos, à luz do Espírito de Deus, conseguem decifrar o enigma provocador.

Fundador dos “Missionários Apostólicos” (os estigmatinos)

Desde clérigo e como neo-sacerdote Pe. Bertoni recebeu do pároco de São Paulo a incumbência apostólica de acompanhar as crianças. Tornou-se “o missionário dos meninos”. É a primeira chama, o “sinal” profético, cuja idéia ele amadureceu rapidamente, projetando os Oratórios marianos quase meio século antes de Dom Bosco.

Planejou-os com uma organização popular e laboriosa. Deu-lhes, ao mesmo tempo, cunho espiritual e recreativo. Realizou na cidade e na diocese uma autêntica transformação religiosa, da qual ainda restam traços significativos.

Organizou-os, segundo as necessidades do tempo: com forte disciplina como “Coorte Mariana”, dividida em centúrias, manípulos, decúrias. Confiou aos jovens a

auto-gestão, como que antecipando a “Cidade dos meninos” com impensável audácia para aquele tempo.

Ele e seus colaboradores cuidavam da formação cristã através da pregação e da preparação aos sacramentos. Encaminhavam a juventude ao trabalho profissional e aos estudos. Acompanhavam-na, atentos aos percalços e provações da vida com firmeza e ternura tais que somente a paternidade espiritual sabe perceber no momento oportuno.

A base de tudo era o ensino da Doutrina Cristã ou Catecismo. Pe. Gaspar procurava reconstruir a consciência cristã, retirando-a das cinzas do incêndio causado pela impiedade que a revolução francesa espalhava por toda a parte, sobretudo na Itália, com a presença das tropas de guerra.

Ainda jovem sacerdote, Pe. Bertoni, juntamente com outros padres, foi convidado a participar da missão realizada em “San Fermo Maggiore” (de 4 a 26 de maio de 1816) pelo célebre pregador apostólico Pe. Pacífico Pacetti,. A missão estava conseguindo resultados surpreendentes de revitalização cristã e de conversão, mas foi suspensa pelas autoridades no segundo dia do tríduo de agradecimento, como escreve o próprio Cônego Pacetti; fato foi também registrado por Pe. Júlio Sommacampagna, historiador de Verona.

Em “San Fermo Maggiore”, Pe. Gaspar teve a inspiração de sua Congregação que desejou chamar “Missionários Apostólicos em auxílio aos bispos”, um título insólito no concerto das famílias religiosas. Era, entretanto, o mais sugestivo, devido às urgências e sofrimentos em que se encontrava envolvida a vida eclesial.

Ao redigir as Constituições, inspirara-se diretamente “no insigne modelo da Companhia de Jesus”. Quanto aos ministérios, não excluiu nenhum deles. Propôs que “fossem a qualquer lugar, na diocese e no mundo”. De fato, seus seguidores espalharam-se pelo mundo todo, onde a voz da Igreja os chamasse, com pregações, escolas, missões na Itália, na Ásia, nas Américas, na África. Sempre em número reduzido, sem alarde, procuraram fazer-se presentes, tanto em paróquias humildes e pobres como em altos postos da vida eclesial.

Quando estava vivo Pe. Gaspar, Pe. Luís Bragato foi chamado à corte imperial de Viena e de Praga, como confessor e esmoler da Imperatriz.

Entre o final do século 19 e começo do novo século Pe. Ricardo Tabarelli foi professor de teologia na universidade “Apollinare”, cursada por Pio XII e João XXXIII. Ambos recordaram pessoalmente e por escrito a têmpera sólida de teólogo e de abertura à modernidade de Pe. Ricardo, que era bom filósofo, sabia o idioma alemão e acompanhava diretamente - talvez o único em Roma - a produção inquietante e estimulante da teologia alemã no fim do século 19.

Pe. Ricardo ainda elaborou a encíclica *Tametsi futura*, que apresenta “Cristo, verdade e vida como mestre das almas”. Leão XIII publicou-a para todo o mundo, manifestando o desejo de uma paz construtora da justiça. O jovem clérigo Tiago Alberione - como ele mesmo confessou - inspirou-se nela para a fundação de seu Instituto, que inundou o mundo de obras literárias e hoje ocupa o primeiro plano na responsabilidade de anunciar a salvação através da fidelidade ao Evangelho de Cristo.

Pe. Ricardo, chamado por Pio X, colaborou também em missões delicadas, especialmente no norte da Europa, e na redação do Catecismo, que deu, por meio século, uma nova fisionomia de compromisso cristão às consciências, abaladas pelo modernismo.

Pe. Júlio Zambiasi, dirigente de coro na Universidade de Roma, estudou “as figuras do som” de Lissajoux. Pe. Luís Morando, que se tornou arcebispo de Brindisi, dirigiu espiritualmente o clero jovem do Seminário Romano.

Dom Tarcísio Martina, medalha de ouro na primeira guerra mundial e, em seguida, missionário e Vigário Apostólico de Ishien, na China, passou mais de seis anos de sofrimentos terríveis em cárceres comunistas. Foi estimado e admirado também pelos carcereiros por sua amável humanidade e pelo profundo conhecimento do espírito e da cultura chinesa.

Dom Carlos De Ferrari, primeiramente bispo de Carpi e, depois, arcebispo de Trento, conduziu a diocese de São Virgílio em meio às tempestades e lidando com a explosão dos horrores da segunda guerra mundial, contornando as dificuldades e perturbações da ordem nos tempos pós-guerra.

Hoje, a Congregação conta com três bispos, em regiões várias do imenso Brasil. Eles servem o povo de Deus com a caridade que supera a pobreza e a desolação. Identificam-se com o cristianismo primitivo e com os missionários presentes nas mais remotas regiões do mundo.

O dinamismo da vida espiritual de São Gaspar

Resta a tarefa fascinante e árdua de apresentar a fisionomia espiritual de Pe. Bertoni, em quem devem inspirar-se, antes de tudo, seus filhos. Fisionomia aparentemente simples, como a de quem fez escolha radical com liberdade, colocando-a ao incondicional serviço da causa de Deus.

Todos os escritos que temos em mãos tratam de espiritualidade. São milhares de páginas: textos e esquemas de pregação e de exercícios espirituais, de missões e de retiros, anotações de várias leituras e denso material (mais de duas mil páginas) em defesa do papado.

Ainda jovem sacerdote escreveu o Memorial Privado. O texto teve início em 1808 e foi interrompido em 1813. Não se sabe a razão. É fragmentário e descontínuo, com inspirações, momentos de fervor, dons, sofrimentos de espírito que ele experimentou, sobretudo, na celebração eucarística, na recitação do breviário e na oração. Às vezes, as anotações são tão rápidas que deixam em suspenso períodos e palavras.

Pe. Gaspar escreveu para si mesmo. Procede por acenos e comoções interiores que revelam freqüentemente uma experiência mística direta.

Apresentamos algumas passagens.

Na festa do Sagrado Coração de 1808 (2 de julho) anota: “Na Missa, durante a Consagração em toda a ação de graças, muitas lágrimas de compunção e de afeto: em particular, na Comunhão, senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura em obséquio ao seu Criador”.

Três dias depois (5 de julho) faz uma observação que espanta pela fineza trágica: “Na repetição da Meditação do Horto, observei que os discípulos dormiam, enquanto Jesus agonizava e suava sangue por eles, mesmo João, que antes dormira em seu peito; e, os outros, apesar de avisados: Vigiai e Orai”.

Retoma o pensamento, em chave pastoral, nos exercícios espirituais de 1810, quase um eco do “Mystère de Jésus” de Pascal: “No entanto, os apóstolos dormem. Dormir enquanto Jesus sofre em seus membros: eis nossa atitude, ó sacerdotes!”

As observações ascéticas são bem profundas: “Procurar Deus só, ver Deus em todas as coisas, isto é fazer-se superior a todas as coisas humanas”. E no mesmo dia com uma ponta de psicologia experimentada: “Tudo consiste em tomar a decisão de servir a Deus a qualquer custo. É necessário precaver-se contra a veleidade. A veleidade se distingue da vontade em suas ações: a primeira cede às dificuldades; a segunda é duradoura, firma-se e solidifica-se”. E agora a indicação do Modelo: “Na oração se comece por Cristo e sua Paixão; depois se deixe livre o espírito se Deus o atrair”. E do Mistério supremo: “À tarde, contemplando uma imagem da Santíssima Trindade, muita reverência e amor às três Pessoas. O Pai eterno, com os braços abertos, explicava-me sua misericórdia e a fácil comunicação de seus dons”. O pensamento retorna brevemente em 1809: “Devemos fazer em nós mesmos um retrato de Jesus Cristo”. E ainda: “É preciso mostrar em nós ao Pai Eterno uma imagem de seu Divino Filho”.

Lemos que ele freqüentemente verteu lágrimas e teve inspirações durante o santo sacrifício da missa, que era a fonte de sua vida espiritual.

Basta o texto de 9 de outubro de 1809 com o título “São Dionísio e Maternidade da Virgem Maria” (neste dia completava 31 anos: Durante a Missa, nas Secretas e ao Memento, pareceu que meu espírito estava iluminado para ouvir quem falava; senti, então, um grande afeto e abertura de amor ao rezar as orações. Depois, certas aspirações e ímpetos da alma para Deus, como de uma pessoa que ao receber um grande amigo que há muito tempo não via, ao vê-lo, sente vontade de atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo; mas, receando algum sentimento de vaidade por estar em público, desci à consideração dos meus gravíssimos pecados, e aí pude conhecer melhor a divina bondade, aumentando também o amor, até se desfazer em lágrimas consoladoras, que continuaram depois da comunhão. Entretanto, a fé e a confiança cresciam juntamente com a humildade e a reverência afetiva para com Deus. Finalmente, na comunhão experimentei uma intensa devoção e afeto como no dia da minha primeira comunhão, e que nunca mais havia tido depois. Assim, fiquei durante uma hora, ou melhor, durante toda aquela tarde”.

Também em 1809: “Na Missa, durante a Consagração sentimento muito vivo da presença de Cristo como de um amigo (que) fala a outro amigo; e também da presença do Pai, percebendo eu, de certo modo, a distinção das divinas Pessoas em uma só natureza. Grande respeito e amor; isso durou até meia hora depois do recolhimento, não o sentimento”.

É tradição estigmatina que o Fundador, apesar de afligido por contínuas tribulações, mantinha, como bom veronês, o bom humor. E conseguia serenidade na fonte única alegria imutável: “A alegria, segundo o mundo, é instável, impura, indigna, prejudicial. A alegria, segundo Deus, é pura, estável, digna, salutar; salutar porque vence a carne, o mundo, o demônio”.

Também para Pe. Gaspar, o “grande meio” para se obter a salvação da alma, como para santo Afonso, é a oração. “O mundo atual é um imenso hospital: todos reclamam e ninguém sara, embora o remédio esteja ao alcance. Este é a oração, a qual: ou não se faz ou se faz mal; ou se pede o que é mau, ou coisas más, ou de modo errado; ou não se pede para si, ou não se visa em primeiro lugar o reino de Deus, ou não se tem objetivos piedosos, ou não há perseverança”.

Eis aqui a mística iluminada e penetrante, a ascética realista e robusta. A preciosidade neste ponto é um longo texto de 30 de maio de 1812, em que a alma alça vôo em direção ao completo abandono no Bem infinito:

”Ao rezar antes da Missa, sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz saída do crucifixo dizer-me ao coração: “Contempla este meu Coração”. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no

coração. Em seguida, voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr um arrepio pelo corpo todo, a boca e os olhos se me fecharam, enquanto que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria.

Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo; como que morrendo, mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o arrepio como o de uma morte doce e lenta. Enquanto a alma continuava incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse ainda por mais tempo, teria ela morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia, entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente, ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes.

A conseqüência disto tudo foi a presença de uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a Santa Comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que duraram o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teologais”.

É uma passagem admirável de teologia mística e, ao mesmo tempo, reveladora de uma espiritualidade burilada em um sacerdote de trinta e quatro anos, sobrecarregado de compromissos, fadigas e tribulações de todo tipo.

As cartas a Leopoldina Naudet, que de 1811 a 1819 teve diretamente Pe. Gaspar como diretor espiritual, trazem mais variedade e abrangem período mais longo, pois a correspondência epistolar continuou até a morte da santa mulher (17 de agosto de 1834).

As cartas escritas durante o período de direção espiritual, é um florilégio encantador pela vivacidade e profundidade de sabedoria espiritual. Sem dúvida, merecem um estudo de especialista em teologia ascética e mística.

Nelas, Pe. Gaspar responde a quesitos de toda ordem, especialmente as que são apresentadas por sua dirigida: problemas de vocação, assuntos domésticos, documentação quanto à aprovação de seu Instituto, problemas lingüísticos, literários, jurídicos, filosóficos e, até, questões de engenharia.

Ele se depara com toda espécie de trama da existência, elucidando-a com mão firme, com senso humano e cristão. Então, observa-se com toda clareza o que parece ser a característica da espiritualidade bertoniana, o *realismo místico*: ele é um homem com os pés no chão, atento aos múltiplos e contraditórios aspectos da realidade e coração humanos; ao mesmo tempo, tem os olhos fixos em Deus.

Este espírito permeia, sobretudo, as primeiras cartas em que escapam, muitas vezes, impulsos de consolação paradisíaca, a sede do “amor *ativo e comprometedor* a Deus” (Carta nº 5).

Ele está convencido de que “tudo o que Deus faz é sempre o melhor”. Ó mãos sapientíssimas que trabalham tão ocultamente!” (carta nº 7). O fundamento é a graça divina: “Para esse fim Deus nos fez participantes de sua natureza divina, a fim de que não vivêssemos, nem agíssemos segundo a nossa; então, não devemos também valorizar as forças da primeira natureza, mas as da segunda, a nós comunicada pela graça de adoção de filhos de Deus” (carta nº 21).

Em seguida, fala o místico: “o sentimento interior e de recolhimento é melhor do que a ação da inteligência. Neste caso a inteligência sem recorrer a raciocínios, compreende tudo de uma só vez e, sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal. Caminha sem querer arrastar a vontade à força; tem-na como companheira. Esta maneira de agir assemelha-se ao que faremos de modo perfeito no céu (carta nº 25).

As primeiras cartas estão repletas de arroubos marcados pelo mistério de luz e trevas como acontece na vida cristã terrena.

Um exemplo só.

“A Palavra de Deus não pode ser esquecida. Fazemos bem em concebê-la, conforme o apóstolo São Pedro, como lâmpada luzente em lugar tenebroso. Aquele, cuja delícia é estar com os filhos dos homens, brinca, em sua Providência, com as almas que mais ama. E não fico admirado se Ele se esconde e se revela ao mesmo tempo como um raio rapidíssimo: nosso divino Salvador está atrás da parede, olhando através das janelas, penetrando pelas portas”.

“Creia, Vossa Senhoria, que se nós desejamos ver sua face revela também neste mundo – isto é, ter conhecimento claro dele, de sua bondade, de sua Providência a nosso respeito –, ele também deseja ardentemente ver nossa face, pois diz em Cânticos, capítulo segundo: *mostra-me tua face. E se nós desejamos ouvir sua voz, Ele mais ainda deseja ouvir a nossa: Soe tua voz em meus ouvidos; tua voz é doce e tua face é linda*. Ó admiráveis segredos do Amor Divino! Ó abismos profundos de Caridade! Quando será que nós nos lançaremos, como naufragos e abandonados, neste mar imenso, ao ponto de não mais vermos as praias dessa nossa mísera terra? Feliz, portanto, feliz o homem que espera em Deus” (carta nº 3).

O modelo proposto à digna penitente é, como no evangelho, a criança nos braços da mãe: “a mãe mostra, às vezes, ao filhinho, a maçã em sua mão. Ele se regozija ao ver a beleza do fruto e ao imaginar o prazer em comê-lo; mas, logo a alegria muda-se em tristeza, a festa em choro, não podendo alcançar a maçã por mais que levante as mãos, enquanto a mãe, fica brincando com a fruta. O que ele faz? Agarra-se à mãe e não pára de pedi-lo; desta forma, o consegue”.

Após exortar Naudet a procurar em tudo “só Deus e a glória divina”, retoma o assunto: “Senhora, não temas! O paraíso é um dia claríssimo. Nunca podes perder de vista o Senhor. Todavia, enquanto estivermos na terra, haverá dias e noites. Siga teu caminho. Mesmo nas trevas, o Senhor faz luzir alguma estrela. Se em alguma noite tempestuosa vacilas e, em vão, procuras encontrar soluções nas criaturas ao cessar a luz vinda do céu; se, ao caminhares sobre a água, colocas o olhar sobre as ondas, isto não significa que te desviaste do caminho. Tiveste só uma pequena hesitação. O Senhor, certamente, te adverte: “por tua fé fraca, porque duvidaste? Ao mesmo tempo Ele te sustenta com sua destra e te encontras novamente nas mãos dele. Seja bendito, portanto, o Senhor!” (carta n°4).

Infelizmente foram destruídas todas as cartas da maturidade, escritas a seu filho predileto, Pe. Luís Bragato. Os poucos fragmentos salvos do fogo deixam entrever a gravidade da perda irreparável.

Pe. Gaspar foi um “místico da atividade”, como deve ser todo operário do Evangelho que caminha com os olhos no modelo divino sobre a cruz. Esta lhe incute, como lemos no *Memorial*, desejos “... de união e participação nos sofrimentos e ignomínias de Cristo”, e até “... desejo e pedido *mesmo de martírio*” (27-28 de setembro de 1808).

Haveria necessidade de aprofundar a doutrina espiritual presente no conjunto de seus escritos: uma tarefa árdua que deixamos aos especialistas que têm conhecimento da vida cristã e dos conflitos religiosos do tempo. Veja-se o caso de dois personagens como Lammenais e Rosmini; inicialmente admirados profundamente por Pe. Gaspar e, depois, causa de grande apreensão.

Pe. Gaspar é escritor sóbrio e discreto, sempre luminar e denso quer no estilo, quer nos conceitos que tinham como objetivo delinear situações de vida. Poder-se-ia dizer que usa a “prosa das coisas”, sem floreios e retórica, dos quais se utilizava freqüentemente a produção religiosa do tempo.

A via da humildade e da cruz

A santidade heróica de Pe. Gaspar já superou o aval do julgamento da Igreja.

Todavia, é difícil decifrar, por sua irremovível opção pela humildade, a característica de sua vida, altamente laboriosa. Esta dificuldade permanece ainda para seus filhos, que somente recentemente, com a possibilidade de acesso direto aos documentos, podem desvendara complexa personalidade de Pe. Gaspar.

Uma personalidade de rica intensidade para o ambiente e os colaboradores com os quais se relacionava nas atividades. Eles percebiam somente os raios de luz sem conseguir chegar à fonte, que permanecia escondida. O retrato de sua pessoa chegou até nós por ardileza. Pe. Gaspar é apresenta-a com estatura média e de pequeno porte, olhos penetrantes e postura séria.

O retrato espiritual está na fidelidade contínua, desde a infância até a velhice, aos sinais do Pai celeste, sem fatos prodigiosos ou iniciativas espetaculares. Mesmo após sua morte, mostrando-se particularmente generoso no socorro aos sofredores que o invocaram, parece que o próprio Pe. Gaspar encontrasse um modo de fazer evaporar-se sua ajuda misericordiosa, obrigando os postuladores da causa a um trabalho de Sísifo.

Quando idoso, confidenciou a seu primeiro companheiro e sucessor, Pe. João Batista Marani, que sentira de forma muito forte o chamado à santidade ainda criança. Sem querer ser redundante, pode-se dizer que sua vida transcorreu na fidelidade incansável a este chamado. Dele pode-se afirmar, sem exagero, o que Manzoni escreve sobre o jovem Frederico Borromeu: "... sua vida é como um regato, que brotado límpido da rocha, permanece límpido até atingir o rio, sem se manchar, nem jamais se turvar ao longo de um curso extenso e terrenos diversos." (c. XXII).

Os santos, que se converteram de maneira estrondosa, os santos de atividades com repercussão universal, os gênios da organização religiosa e da ação social causam impacto e, talvez, façam mais sucesso do que Pe. Bertoni, que não se enquadra em nenhum destes estilos. Duas expressões ("pequeno buraco e pequeno esconderijo") foi o lema que ele aprendera e repetia, proveniente de seu mestre e benfeitor Pe. Nicola Galvani. Era a versão bem humorada, no dialeto veronês, de "vida escondida com Cristo em Deus" de São Paulo (Col 3,3).

Um hagiógrafo contemporâneo escreveu, com perspicácia, empolgado com a vida contemplativa de Pe. Gaspar que transparece, sobretudo, no Memorial Privado e nas cartas a Naudet: "a grandeza da obra divina não se revelou no aspecto exterior, no sucesso dos empreendimentos, na importância do Instituto que ele fundou. Certamente, Deus não o decepcionou e agiu peculiarmente no âmago de sua alma,

fazendo-a, talvez, uma das mais santas do século 19” (Divo Barsotti, *Magistério de Santos*, Roma 1971, p. 17).

Que vida a de Pe. Gaspar! Metade dela marcada com as cruces de longas e dolorosas doenças - “sob ferros e facas” - como ele mesmo dizia, brincando, a Pe. Bragato. Demonstrava uma paciência que deixava a todos estupefatos e comovia os cirurgiões até as lágrimas. Fala-se de trezentos cortes e incisões na carne viva para debelar uma gangrena que havia tomado sua perna. Um “agulhão na carne” que o atacou e o atormentou cruelmente na flor da maturidade, até a morte. O médico perito que, por encargo recebido da autoridade eclesiástica, fez o reconhecimento do corpo, encontrou uma considerável curvatura com calcificação nas vértebras da espinha dorsal. Segundo o perito isto deveria ter-lhe causado dores espasmódicas.

Permaneceu acamado por longos meses e, até, por anos inteiros Assim mesmo continuava seu magistério de exemplo e de aconselhamento às pessoas que a ele recorriam: bispos, prelados, príncipes, nobres, sacerdotes, gente simples e humilde. Pregava exercícios espirituais e estudava. E, como revelou, sofria e orava durante as intermináveis noites de insônia, meditando, freqüentemente, por uma hora inteira as palavras do Pai Nosso, da Ave Maria, cada mistério do terço, as estações da Via Sacra. Alcançara a oração infusa? Sua alma caminhava a passos largos na misteriosa via da purificação ativa e passiva?

Era certo que se aproximar de Pe. Gaspar constituía, para todos, a experiência singular de chegar-se ao mundo das certezas e esperanças supremas. A imagem de sua pessoa, antes de se ouvir o conforto da palavra, incutia serenidade e conformidade à vontade de Deus. Transmitia o amor da Cruz de Cristo.

Um modelo de santo abandono

Temos estudiosos recentes e perspicazes da vida e do espírito de São Gaspar. A eles devemos a preparação definitiva da causa de canonização: Pe. José Fiorio, Pe. José Stofella e seu aluno Pe. Nello Dalle Vedove. Eles denominaram São Gaspar: “Modelo de santo abandono”, relevando apropriadamente o aspecto místico de sua excepcional figura como lutador e apóstolo.

Pe. Gaspar encontrou em Leopoldina Naudet, tanto uma alma gêmea, ávida de vida interior e de doação a Deus na plena conformidade ao beneplácito divino, como uma senhora muito dócil na prática do santo abandono. Devemos a Pe. Nello Dalle Vedove esta descoberta, ao analisar o Diário da Serva de Deus, justamente no período em que estava sob a direção espiritual de Pe. Gaspar.

As anotações mais ricas em conteúdo são de março e abril de 1811. Ela escreve no dia 24 de março: “acompanhando-me na oração da manhã o sentimento

de *abandono em Deus...*”, (senti) necessidade de um “maior desapego de mim mesma” para “saborear o bem de perder-me de tal maneira em Deus que não pensasse em outra coisa”. Como escreveu, assim o fez.

É testemunho disso o “Ato de abandono” que ela escreveu quando Pe. Gaspar, em 1819, decidiu interromper a direção espiritual. A humilde serva de Deus, não obtendo êxito em suas tentativas para dobrar Pe. Gaspar, consternada e aflita, dirigiu-se a Deus: “Confundida, ó meu Senhor, por ter-me afastado do abandono que quereis de mim, peço, mil vezes, perdão; a partir deste momento, e para sempre, abandono todos os meus interesses em vossas mãos”.

Pe. Nello observa que tal Ato de abandono “pode-se comparar ao que foi a oferta ao Amor misericordioso por parte de Santa Tereza do Menino Jesus e à oração em que Elizabete da Trindade sintetiza sua doutrina trinitária”. Observa ainda que se trata de uma doutrina tradicional, tendo, sobretudo, em São Francisco de Sales (especialmente em *Teotimo*, livros VIII e IX) um mestre consumado.

Bossuet escreveu o *Discurso sobre o Ato do Abandono em Deus*, no qual se inspira diretamente o clássico da doutrina do abandono, Pe. De Caussade. Pode-se recordar, também, um autor muito conhecido por Pe. Gaspar: Fenelon, que usa a imagem do menino nos braços da mãe. Pe. Stofella fez esta observação.

Pe. Gaspar escreveu a Naudet: “feliz quem se perde nesse abismo, quem mergulha corajosamente e naufraga nesse oceano! Está tão amparado como o filho que, adormecido no regaço da mãe, abandona toda e qualquer preocupação. Não vê, não escuta, não fala. A mãe fala, escuta e vê por ele. E quando ela quer, sabe e pode acordá-lo porque está junto dele”.

Pe. Marani, o discípulo predileto, escreveu: “Devemos seguir os sinais de Deus, jamais nos anteciparmos a Ele”, dizia freqüentemente e praticava meu queridíssimo Pai e Fundador”.

O primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe, que acompanhou Pe. Gaspar nos últimos anos, escreve: “Deixar tudo a Deus e nada ao homem era, para ele, algo ordinário e usual, norma e diretriz de seus pensamentos, dos sentimentos, ações e projetos” (cf. Nello Dalle Vedove, *Um modelo de santo abandono*, Verona, 1951, págs. 210 e seguintes).

Pe. Gaspar escreveu a Naudet: “grande virtude é abandonar-se nos braços da divina Providência quando não conseguimos agir por nós mesmos. Mais perfeita e consumada virtude é, porém, quando, podendo por nós mesmos, nos abandonamos completamente nas mãos de Deus” (carta n° 38).

A doutrina do santo abandono inspira-se na espiritualidade inaciana da santa indiferença, tratada em *Doutrina Espiritual*, por Pe. Lallemand e pelos jesuítas da mesma corrente de pensamento. Certamente provem de fontes mais antigas.

O beneditino Pe. Marmion, confessor do Cardeal Mercier, a retomou em nossos dias em sua obra prima *Cristo, ideal do monge* (capítulo 13) e em suas *Cartas de direção* (pág. 161). Outro conhecido beneditino, Pe. Eugène Vandeur, publicou um comentário do Pai Nosso com o título: *O abandono em Deus*.

O abandono em Deus não significa a máxima mortificação ascética da natureza e a elevação da alma até o vértice da morte mística através da purificação ativa e passiva, nem o fatalismo ou o quietismo oriental ou protestante ou panteísta. O abandono em Deus é participar do abandono de Cristo à vontade do Pai desde o Horto das Oliveiras (“faça-se não a minha, mas a tua vontade”, *Lc 23,42*), até a Invocação na Cruz: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (*Lc 23,46*). É a inversão da liberdade em submissão total a Deus, segundo a expressão de Bossuet: “Só o abandono perfeito em Deus e à sua vontade é capaz de tornar livre um coração e fazê-lo voar.” (citada pelo beneditino francês V. Lehodey, *O Santo Abandono*, tradução italiana, Florença, 1954, pág. 520).

A originalidade de São Gaspar é de natureza mais experimental do que teórica. Nasce da imersão incondicional da alma no mistério da Encarnação, do impulso interior em querer superar qualquer apego à criatura e pôr-se à disposição total da vontade de Deus para a salvação dos irmãos, em todas as oportunidades e em todo o tempo.

Permitam a um obstinado leitor e tradutor de Sören Kierkegaard, contemporâneo de Pe. Gaspar, fazer uma comparação no que diz respeito à vida mística do abandono.

No *Grande Diário* Kierkegaard observa que na vida espiritual não se trata de tornar-se adulto, como na vida biológica, mas de tornar-se “criança”, de rezar “como criança”, de “considerar-se menos do que nada diante de Deus, como a criança”...

Obviamente o termo “criança” não significa a infância bio-psicológica, mas a infância do espírito. Esta consiste na doação total da própria liberdade a Deus com o dinamismo de todas as forças da alma.

No comentário a Gálatas 1,7, Kierkegaard assim se expressa: “para nós, o progresso da interioridade do relacionamento com Deus manifesta-se no passo para trás; ou seja, ninguém se aproxima de Deus diretamente, mas descobre cada vez mais a distância infinita que existe em relação a Ele. Por isso, o processo não é tornar-se criança para, depois, ganhar confiança com o andar da idade. Não! Torna-se criança cada vez mais”. (*Diário*, II edição, nº 2091).

Em passagem anterior nosso filósofo faz uma síntese poética da doutrina agostiniano-tomista da graça: “É como quando queremos dar alguma coisa à criança. Fazemos de conta que é ela quem nos dá o que, de fato, é nosso. Damos a entender que ganhamos. Com Deus o relacionamento é mais do que isso. Na verdade Deus é quem realiza tudo ao mesmo tempo: como, por exemplo, quando os pais ajudam a criança a escrever uma carta para o aniversário deles e a aceitam como presente dela” (nº 1255).

A expressão mais forte é de caráter metafísico e está em um texto de 1850: «Na esfera das realidades sensíveis e exteriores, o objeto é algo diferente do modo. Existem vários modos... e o homem, talvez, consiga encontrar um modo viável. Em relação a Deus o “como” é o “objeto”. Quem não se põe em atitude no modo do abandono absoluto, não se relaciona com Deus. Em relação a Deus não se pode ir “até certo ponto”, porque Deus é a negação de tudo o que é “até certo ponto” ».

O texto começa com a afirmação: “Confesso que é inexplicável pôr-se em relacionamento com Deus e ser verdadeiramente religioso sem carregar uma ferida” (nº 2234).

Esta comparação de Kierkegaard com Pe. Gaspar não está presente somente no Novo Testamento. Existem nos escritos de místicos católicos como a *Imitação de Cristo*, Santa Tereza, São João da Cruz, Fenelon, Santo Afonso de Ligório.

CONCLUSÃO

A vida toda dedicada à Igreja

A atualidade da figura e da obra de Pe. Gaspar pode resumir-se em duas frases simples: *Homem completamente evangélico e totalmente eclesial*. Foi um sacerdote repleto do espírito do Evangelho e devorado pelo zelo ilimitado pelo bem das almas.

Sabemos por Pe. Lenotti que seu estudo principal era a Sagrada Escritura. Ela a sabia de cor. Seu linguajar é caracteristicamente bíblico. Diante do furor iconoclasta que se abateu sobre o texto sagrado por parte da crítica moderna, a docilidade dos santos à Palavra de Deus nos ensina em que eles conseguiam luz para superar as árduas provações do espírito e realizar grandes obras para a glória de Deus.

Pe Gaspar, pela Sagrada Escritura mostrava como se distinguia do mundo, opondo-se a ele.

“Eu vos escolhi do meio do mundo” – explicava nos exercícios espirituais ao clero, aplicando ao sacerdote o que Bourdaloue dizia do religioso. O sacerdote deve estar desapegado do mundo e crucificado para ele, repetindo o que dizia São Paulo: “o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo. Se o mundo discordar de

minhas máximas de padre e eu, facilmente, concordar com as dele, sou um padre só nome”.

“Se eu agrado aos homens, não sou servo. Para que, efetivamente, eu seja servidor, é necessário que eu esteja, no mundo, em estado de sofrimento. Se quero me comportar como sacerdote, o mundo será minha cruz, como eu serei, infalivelmente, a cruz do mundo pela oposição de sentimentos e de princípios» (cf. R. P. Bourdaloue, *Ritiramento spirituale ad uso delle comunità religiose*, in Niccolò Pezzana, Venezia, 1742, página 28). Palavras sábias, particularmente para os dias de hoje.

Obviamente, os tempos de Pe. Gaspar não são como os nossos, dizíamos no início.

Os sofrimentos do homem, as crises de fé, o confronto do cristão com o mundo sucedem-se em todas as épocas, tornam-se cada vez mais complexos em cada reviravolta do progresso humano. Varia o modo de pensar, mudam as perspectivas da civilização. Contudo, a trajetória da vida em direção ao golfo da morte está repleta de enigmas, quaisquer que sejam o número e a qualidade dos elementos que a envolvem.

Hoje se exalta tanto a esperança, e está correto. Contudo, a verdadeira esperança cristã olha para o alto à procura dos bens imutáveis e na expectativa agostiniana do Sábado sem fim. Por isso, a esperança deve nutrir-se da fé, jorrar do interior das suas certezas e não se afogar em terrenos paludes ou fundamentar-se em “vãos loucos”.

A esperança deve ser cultivada com elevação do coração a Deus e no serviço ao próximo.

Dócil e firmemente, Pe. Gaspar sabia interrogar-se sobre “os sinais dos tempos”. Lia e insistia para que, nos Estigmas, os jornais fossem lidos como fonte utilíssima de dados para o apostolado.

Anotou sabiamente no Memorial Privado: “é preciso entrar na casa dos outros com a maneira deles para, dela, sair com a nossa”.

Uma norma realista e audaciosa. Não se trata de uma adaptação da Igreja ao mundo ou de um diálogo com táticas e comprometimentos equívocos, mas um serviço de fidelidade à Verdade salvífica no respeito ao mistério da liberdade.

Roma, 2 de outubro de 1975

Pe. Cornelio Fabro